

Brasil - país do futuro?



Por RICARDO L. C. AMORIM*

O Brasil não é e parece nunca ter sido o país do futuro. É preciso entender as contradições do presente a fim de refundar a nação

*"No past experience, however rich, and no historical research, however thorough, can save the living generation the creative task of finding their own answers and shaping their own future". (Alexander Gerschenkron, *Economic Backwardness*).*

Há muito tempo se promete aos brasileiros que este é o país do futuro e lá, em data incerta, será glorioso e os jovens serão felizes. A impressão para os brasileiros adultos que já ouviram essa ladainha escolar é de que o futuro já veio, já chegou, mas... Não aconteceu. De fato, o Brasil não é e talvez nunca tenha sido o país do futuro. A pobreza imensa, a desigualdade entre as maiores do mundo, o trabalhador obscenamente explorado, o racismo que se escancara, o medo do empoderamento feminino, a violência espalhada e mais outras tantas injustiças contrastam com lucros recordes, fila para comprar jatinhos privados, elisão fiscal e ricos superprotégidos pelo Estado.

Rapidamente, contudo, vozes gritarão: mas a indústria mudou o país. A população, hoje, vive nas grandes cidades, cosmopolitas e modernas. As escolas estão em toda parte e os serviços públicos nunca alcançaram tantos. Mais ainda, o acesso à tecnologia disponível no mundo, de um jeito ou de outro, já chega à maioria da população. Essa, no entanto, é parte da história e muito esconde quem conta apenas a metade.

O que se diz sobre o progresso brasileiro, por exemplo, oculta o caos urbano, marcadamente no transporte público, no custo da moradia, na favelização forçada, no desemprego, na pobreza, na violência das ruas, na truculência policial e outros. Não comenta a qualidade das escolas públicas, marcadamente na periferia, os salários dos professores, o risível acesso à cultura e ao lazer pelos pobres. A tecnologia acessível aos trabalhadores de baixa renda? Resume-se ao celular pré-pago e à televisão aberta. Logo, a riqueza para poucos e a pobreza espalhada continuam a imagem do Brasil, um país subdesenvolvido. Algo não muito diferente daquele retratado, há décadas, por Celso Furtado, Florestan Fernandes, Milton Santos e Lélia Gonzales. Mais recentemente, Djamila Ribeiro, Racionais MCs, Ana Fonseca e Conceição Evaristo apontam que, no Brasil, o capitalismo fundado nas desigualdades permanece infenso.

E não é difícil entender por que se chegou ao futuro trazendo apenas mais enfeites. Na formação do Brasil, a escravidão, em mais de trezentos anos de crueldade indizível, moldou as instituições e também as consciências dos "brasileiros". O crime histórico produziu tipos sociais e terminou por rotular negativamente enorme contingente da população, hierarquizando a todos rigidamente. Sequer a Lei Áurea – uma esperança – logrou incluir os pretos, agora "libertos", na sociedade. Pelo contrário. Foram ignorados e afastados quando sua força física não interessava aos fazendeiros ou à estiva. Assim, a pobreza e o raro acesso a benefícios públicos criaram uma massa sem chance de sonhar com o futuro.

A industrialização acelerada, a partir de 1930, foi ainda insuficiente para atenuar o drama desse contingente populacional. A imigração de brancos pobres, principalmente europeus, ofereceu a mão de obra que São Paulo e cidades do Sudeste precisavam para multiplicar as fábricas. A nova classe operária, contudo, também não recebeu parcela justa na repartição dos frutos do progresso. Se a emergência de uma classe média (predominante branca) nas grandes cidades deu a impressão de que a prosperidade aos poucos alcançaria todos, bastava observar a expansão acelerada das periferias, a favelização, o volume de empregos informais e a baixa remuneração dos incontáveis subempregados para descobrir que o

a terra é redonda

crescimento econômico não implicou em desenvolvimento social. Na verdade, a desigualdade se agigantou por décadas em um país que modernizava sua estrutura produtiva, mas nada fazia para atenuar as diferenças sociais de todos os tipos entre ricos e pobres.

Não há incoerência em tudo isso. O Brasil é resultado da forma como foram processadas suas contradições sociais, redundando em elevados patamares de acumulação e desigualdade que foram amplificados a partir do golpe de 1964. A economia política, segundo a interpretação histórico-estrutural, permite conhecer esses processos e acessar as consequências da reprodução do subdesenvolvimento, sustentado em relações de dependência. Mas o cenário, hoje, é ainda pior.

Depois de duas décadas perdidas no final do século XX e alguma esperança no início do século XXI, um golpe jurídico-parlamentar derrubou uma presidenta eleita e deu azo a reformas constitucionais liberais e permitiu o aprofundamento de políticas econômicas pró-cíclicas iniciadas em 2015. Exatamente quando uma grave crise se instalava. Por causa disso, em 2022, conta-se oito anos desde o início da recessão, em 2015, e o Brasil ainda não recuperou o nível de renda *per capita* de 2014. Nunca, na história republicana, o país demorou tanto a retomar o crescimento econômico. Os números do desemprego, do salário médio real e o desperdício de mão de obra recém qualificada que não encontra ocupação compatível com sua formação escancaram o desperdício de capital humano e provoca alarmante histerese.

O problema pouco se deve a pandemia. A tragédia iniciada pelo SARS-CoV-2 apenas agravou tendências conhecidas. Por exemplo, o jornal O Globo, em 26 de janeiro de 2020, antes da pandemia, já destacava que o Brasil não criava empregos líquidos com remuneração superior a dois salários-mínimos desde 2006. Ou seja, havia mais de 14 anos. Ao mesmo tempo e sem nenhuma coincidência, dados do Banco Central sobre a balança comercial mostram que a participação de bens industriais nas exportações brasileiras diminui desde 1994, enquanto as vendas ao exterior de bens primários crescem sem parar.

Isso significa que, a contar de antes da pandemia, o Brasil já desgastava sua indústria, desfazendo o que foi construído a partir de Getúlio Vargas, perdendo competitividade exatamente no setor com as cadeias produtivas mais longas, gerador de maior valor agregado, mais capaz de criar empregos qualificados e indutor de inovações e produtividade em toda a estrutura econômica. Fez e continua fazendo isso para voltar a ser produtor de bens simples, agrícolas ou minerais. O oposto do que todos os países ricos fizeram e fazem.

Os números, porém, são conservadores para o tamanho da tragédia social em curso. Aparentemente superada a fase mais grave da pandemia no Brasil, a soma de desemprego, subemprego, fechamento em massa de pequenos negócios e reformas trabalhistas liberais produziu queda no salário médio da economia! Na mesma direção, a necessidade de sobrevivência e o excesso de oferta de mão de obra permitiram a precarização das relações de trabalho, destacada em relatórios de observatórios e organismos internacionais. Mais: entre os jovens cresceu o abandono escolar e o atraso no aprendizado.

Simultaneamente, verbas sociais e investimentos em infraestrutura e tecnologia são cortados frente ao olhar conivente da parcela mais poderosa da população: os ricos, a fração mais importante da elite do poder. Esse grupo não mostra qualquer contrariedade e, mais grave, parece apoiar a política econômica e de desmonte social dos últimos oito anos, rigorosamente o tempo desde quando o país entrou em recessão e ainda não se recuperou. Não foi à toa que, mesmo durante a pandemia, os lucros das grandes empresas pouco sofreram e aqueles alcançados pelas instituições financeiras, como bancos, cresceu (muito).

O que ocorreu recentemente e ainda ocorre é continuidade do que foram os últimos 40 anos: pequenos intervalos de esperança e prolongado fracasso econômico e social, justamente quando o Estado perdeu a capacidade de impulsionar o desenvolvimento industrial. Nesses anos, os mais ricos abandonaram a bandeira do desenvolvimento e escolheram obstinadamente defender suas fortunas no mercado financeiro. Ou seja, a elite do poder brasileira mostrou e mostra que, desde os anos 1980, renunciou a qualquer veleidade nacional e passou a comportar-se cada vez mais como rentista e desapegada da nação e do futuro do seu povo. Se isso for verdade, o problema, de fato, não é econômico. Situa-se na esfera política e a superação requer, inexoravelmente, democracia e seu fortalecimento.

Enquanto isso, nas periferias, os mais pobres sentem e sabem da injustiça, mas pouco entendem o “jogo”. A oposição e os intelectuais conhecem as grandes linhas que perpetuam o sistema, mas são incapazes de unir-se e querem catequizar a

a terra é redonda

periferia que não entendem. Já a elite do poder prefere exatamente essa incapacidade de esclarecimento e a confusão para legitimar mais facilmente seus privilégios. Pouca coisa mudou também nesse quesito. O Brasil, em suma, não é e parece nunca ter sido o país do futuro. O eventual ufanismo verde-amarelo esconde, outro sim, que a nação não se desenvolve porque é injusta e é injusta porque uma parcela pequena, mas poderosa, dos brasileiros assim deseja. “Estranhamente” a mesma parcela que escolheria se identificar como estadunidense ou inglesa.

Ser o país do futuro implica, naturalmente, algo muito diferente. Distante da crise ambiental, da pobreza, da desigualdade, da violência, da misoginia e do racismo, a antiga promessa feita a colegiais implica na necessidade de desenvolver o Brasil. Mas, para isso, é preciso entender as contradições do presente a fim de refundar a nação e, portanto, torna-se inescusável saber que para construir uma nação, o futuro se faz. E agora. Nunca se espera. Felizmente, Celso Furtado já apontou o caminho: “(...) o mais importante não é que podemos autodirigir-nos, e, sim, que não nos resta outra saída senão fazê-lo” (*A pré-revolução brasileira*, 1962, p. 10).[\[1\]](#)

*Ricardo L. C. Amorim, doutor em economia pela Unicamp, é professor visitante na UFABC.

Nota

[\[1\]](#) O autor agradece os comentários do professor Alexandre Barbosa (IEB-USP).

=O site **A Terra é redonda** existe graças aos nossos leitores e apoiadores. Ajude-nos a manter esta ideia.=
[**Clique aqui e veja como.**](#)